

# **O PROCESSO DE TERCEIRIZAÇÃO E AS MULHERES DE MEIA IDADE NA CIDADE DE PARANAÍ-PR: TRABALHO FLEXÍVEL E SETOR TÊXTIL**

Wesley Silva Bandeira<sup>1</sup>

Dr. Renan Araújo

Hugo Ubaldo De Souza

## **Resumo**

Considerando as transformações históricas de produção e reprodução social; Fordismo ao Toyotismo, procuramos entender o impacto dessa mudança na economia da região de Paranaíba, principalmente no ramo têxtil. Entendemos que as implantações dessas fábricas do ramo têxtil no noroeste Paranaense fazem parte do processo de desenvolvimento regional e é importante para compreensão do desdobramento do capital nessa região. Um foco importante no projeto de produção é o trabalho com a terceirização, onde mulheres de meia idade (35 a 50 anos), “abrem” suas facções e são tidas como “micro-empresárias”, esse é o perfil de trabalhadores que temos como objeto de pesquisa. Essa forma de trabalho só se torna possível pelo alto investimento tecnológico das Grandes Confecções, o que vem a ser a alma desse empreendimento produtivo. O impacto desse trabalho flexível altera totalmente a relação familiar, onde todos na família se envolvem no processo de produção; lazer e trabalho acabam se fundindo e se confundindo. Sendo assim, há por nossa parte um interesse na análise dessas facções domésticas de ex-funcionárias da grande fábrica que atualmente prestam serviços para as fábricas de confecção, e o impacto que isso trouxe na criação de seus filhos e no relacionamento com o marido. A problemática maior está no discurso produzido e reproduzido de que a tendência é o empreendedorismo e a flexibilidade de trabalho para crescimento pessoal, o SEBRAE estimula grandemente o surgimento de novas facções dizendo que essa é a tendência desse setor do mercado, ocultando obviamente o interesse por traz disso das grandes Confecções que contratam os serviços dessa pequena facção. Nossa pesquisa além de trabalhar com referencial teórico, conta com a coleta de depoimentos que vise mostrar com clareza as marcas da contradição social existente nesse setor do capital.

## **FORDISMO AO TOYOTISMO**

Em uma análise bibliográfica (HARVEY, 1992) sobre o trabalho, percebe-se que com as novas reestruturações das fábricas e a terceirização de setores industriais é uma tendência do Toyotismo, a grande fábrica do Fordismo foi substituída pela pequena fábrica que sobrevive de “trabalhos autônomos, subcontratação, contratos de curtos prazos e etc”. sendo assim, há por nossa parte um interesse na análise dessas facções domésticas de ex-funcionárias da grande fábrica que atualmente prestam serviços para as fábricas de confecção, só que nesse momento, sem vínculos empregatícios, sendo acionados somente na hora de grande demanda.

Partindo do pressuposto de que a vida social ontologicamente se funda no trabalho, procuraremos apreender alguns aspectos das transformações vividas pelo proletariado,

---

<sup>1</sup> Pesquisador do Curso de Especialização Interdisciplinar em Ciências Humanas UNESPAR/Paranaíba-PR. wesleysbandeira@hotmail.com

dinâmica relacionada aos modos de produção/reprodução social capitalista, típicos do século XXI. Dessa forma, vinculado à essa tendência geral, é que emergem as metamorfoses do trabalho no Brasil, particularmente na região Noroeste do Paraná. Sendo a globalização, elemento caracterizador da sociedade contemporânea que condiciona todos os setores sociais a sua lógica, mostrando sua dialética pelo impacto da globalização na economia da cidade de Paranaíba. Sabendo das mudanças que ocorreram no sistema Capitalista, primeiro no Fordismo, com seus métodos altamente rígidos de domesticação humana, passando pelas mudanças típicas do Toyotismo, que flexibiliza e aumenta a exploração entenderemos o impacto dessas mudanças na cidade, estudando um setor econômico que ganhou espaço e se proliferou devido a lógica toyotista de produção, que visa encontrar novos espaços para implantação de suas indústrias, que são os setores que produzem a moda, ou seja, as Confecções de roupas.

Ao falarmos de trabalho estamos nos referindo a uma atividade ontológica dos indivíduos que se caracteriza pela objetivação e apropriação da natureza (Duarte, 1999). Embora essa idéia já tenha sido trabalhada em autores clássicos, procuraremos partir dessa idéia para compreensão mais exata de nosso objeto de estudo, por isso faremos sua explanação, mostrando a contradição que se apresentou nos modelos Taylorista/Fordista, onde a “domesticação” se fez necessária para que este pudesse se adequar as exigências da grande indústria, isso acontecendo foi o bastante para que houvesse um estranhamento do trabalhador para com o seu trabalho, que se apresentou altamente repetitivo e alienante, embora no Toyotismo tenha se projetado numa tentativa de superação, vemos que isso não ocorreu, pelo contrário, houve uma intensificação das contradições sociais, típicas do capitalismo, que na relação social entre o colaborador e o patrão que lhe oferece o emprego, ocorreu uma mudança intensificando a exploração, pois se no Fordismo o capital exigia o corpo do trabalhador, agora exige também sua alma (HARVEY, 1996; CHESNAIS, 1996; MÉSZÁROS, 2002; ALVEZ, 2007).

Percebe-se que: Essa acumulação flexível é própria do mundo contemporâneo toyotista e possibilita novos pólos industriais, inclusive em países e regiões que não tinham essa cultura industrial (ALVEZ, 2007). Sendo assim, destacam-se algumas possibilidades de análise ainda pouco estudadas, referente ao impacto sofrido por operárias do setor de fabricação de roupas na cidade de Paranaíba, que se inseriram nas novas indústrias instauradas na cidade, tendo a “oportunidade de suas vidas”, haja vista que o perfil empregado nessas indústrias é em sua maioria mulheres de 35 à 50 anos que ao longo da vida tiveram que se preocupar com casa, marido, filhos e não com greves, piquetes ou reivindicação por melhores condições trabalho e

salários. Temos como abordagem também as muitas mudanças na indústria e constante adaptação dessas mulheres a essas mudanças, e impacto que isso gera no relacionamento com a família, amigos e colegas de trabalho, sabendo que essa mulher pensa de acordo com os padrões de excelência exigidos pela empresa que emprega métodos de flexibilização.

Em Marx essa abordagem ganha uma complexidade maior, pois este de certa forma decodificou a exploração vivida pelo operário, incitando uma possibilidade de superação do sistema, embora essa superação não tenha ocorrido os escritos de Marx não perdem sua relevância, pois tais são clássicos que romperam épocas, sendo ainda uma das fontes mais completas para compreensão do sistema capitalista. Sabendo da complexidade que é essa sociedade, não procuraremos dar respostas prontas e acabadas, mas sim, potencializar um novo elemento no debate que procura de maneira séria entender as mudanças constantes do capital em nossa região noroeste, pois ao fazermos análise de um determinado setor, que é o da Confecção e Fecção de roupas, faremos uma ligação com as transformações econômicas nacionais e mundiais.

Em “O Manifesto Comunista” (1990), Marx faz uma abordagem apurada do sistema capitalista de sua época, mostrando a incapacidade da sociedade em ser harmoniosa, e a polarização de duas classes: Burguesia e Proletariado.

A nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se, entretanto, por ter simplificado os antagonismos de classe. A sociedade inteira vai-se dividindo cada vez mais em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes diretamente opostas entre si: burguesia e proletariado. (MARX, 1990, 67)

Marx não nega o fato da classe Burguesa ter passado por um longo processo Revolucionário, de combate à classe Aristocrática, mas relaciona esse conflito (Burguesia X Proletariado) como algo historicamente construído, e o proletário como sujeito histórico capaz de transformar abruptamente a sociedade através da revolução.

Para economistas da escola popular, essa luta de classes é coisa do passado, devido às mudanças ocorridas na própria estrutura social de organização mundial, afirmando que o proletário típico da grande indústria já não existe, por não haver mais empresas com milhares de trabalhadores, como era no período Fordista. Ricardo Antunes em seu livro “Adeus ao trabalho? – Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho.” (1995), diz que o proletário ainda existe, pois ainda existe capitalismo, mas este se apresenta de outra forma, nessa nova fase, ele se apresenta “flexível” e incorporado a lógica do capital. Para nosso estudo faremos uma relação analítica do modo que essa flexibilidade aparece no modo de vida dessas mulheres, que são filhas, mães e avós, que trabalham em Confecções e Fecções

de roupas em Paranavaí, uma vez que definimos seu perfil, conseguiremos também definir os impactos que essas mudanças causam em seu cotidiano, tanto em si mesmas como nos seus relacionamentos afetivos com maridos, filhos e netos.

Uma vez tendo a classe burguesa como hegemônica na sociedade, o capital se apresenta não tendo face, e não escolhendo um perfil de pessoa a explorar, todos entram na dança, homens, mulheres, jovens e crianças. Para o capital não existem barreiras, nem etnia e religião, ele se apresenta como um monstro que explora a todos, e a contradição principal do capital é que os homens não encontram outro modo de sobrevivência se não entrar no seu jogo e dançar conforme a música, que toca sempre no ritmo do capitalista.

O mundo parece um só, não existindo barreiras, nem ao menos fronteiras para o capital. A mundialização é vista como algo natural, à rapidez informacional é tida como natural, diante disso podemos pesquisar qual a percepção que essa operária tem de si mesma sobre as mudanças de seu trabalho no plano global, e também quantificar o nível de escolaridade e redirecionamento de sua perspectiva profissional.

Olhando por essa perspectiva entendemos que as novas formas do capital incorporam não somente o corpo do trabalhador, mas também sua alma e espírito (ALVES, 2007), sabendo disso pode-se ver que, embora as análises se passem na microrregião de Paranavaí, seus métodos de análise estão direcionados a uma totalidade de mudanças, sua estrita relação com o mundo globalizado e suas contradições.

## **A MULHER NO MUNDO DO TRABALHO**

Como nosso trabalho visa compreender o impacto do trabalho flexível da mulher de meia idade na cidade de Paranavaí, é importante compreender o processo que caracterizou a inserção da mulher no mundo do trabalho, e para isso é necessário reportarmos-nos ao século XIX, no início da revolução industrial, perceberemos assim que, a inserção da mulher no mercado de trabalho só foi possível com o desenvolvimento tecnológico e a nova racionalização de produção.

Antes desse período conseguimos compreender o trabalho da mulher somente no espaço familiar e de produção doméstica, a autora Claudia Mazzei Nogueira citando Menicucci diz;

Direcionando a atenção ao trabalho feminino, poderemos verificar, já nos séculos precedentes à Era Cristã, a presença da divisão social do trabalho. Tanto a mulher livre quanto a mulher escrava tinham seu espaço de trabalho pertencente a esfera doméstica, pois eram responsáveis pela manutenção da subsistência, cujos campos incluíam a alimentação e a higiene de homens e crianças.(NOGUEIRA, 2004, p. 4)

Antes mesmo do século XIX e suas transformações, foram muitas as preocupações de intelectuais que desenvolveram estudos de gênero, onde a preocupação sempre foi definir os papéis fundamentais dos homens e mulheres na sociedade, e quase sempre os homens eram definidos como provedores da família, ligados mais ao tipo “caçador”, que traziam o alimento para casa, e a mulher estava quase sempre ligada aos cuidados da casa e dos filhos. Isso, apesar de na revolução industrial a mulher tenha ganhado outras funções sociais esse estigma ainda persiste sendo necessário uma luta constante de gênero para aceitação da sociedade que a mulher pode desempenhar trabalhos tão bons quanto os homens. Pode parecer um absurdo, mas os fatos falam por si, onde ainda no século XXI os níveis de salário pagos as mulheres são menores, mesmo desempenhando papéis iguais.

Não podemos, portanto, fazer uma abordagem da mulher no mundo do trabalho olhando somente para fatores que tensificam a polaridade entre homens e mulheres, pois ao procedermos dessa forma estaremos agindo de forma simplificada e não compreenderemos as complexas contradições existentes nesse processo de incorporação pelo capital do trabalho feminino.

Falando ainda do desenvolvimento tecnológico percebe-se que mesmo se às Grandes Indústrias pagassem mais aos seus trabalhadores, havia uma relutância na participação e integração de suas atividades pelos trabalhadores homens, pois ao fazê-lo estavam automaticamente perdendo o direito do saber-fazer historicamente conquistado pela tradição familiar e pela experiência pessoal, por isso que boa parte dos trabalhadores dessas Indústrias foram mulheres e crianças, tidas como “mais dóceis” (HOBBSAWM 1979, NOGUEIRA 2004), e aptas para aprenderem uma nova profissão, e também à ambientes de trabalhos novos que exigissem um modo de saber-fazer diferente daqueles realizados pela manufatura.

Outro componente ligado ao desenvolvimento tecnológico que proporcionou a inserção da mulher no mundo do trabalho foi à desnecessidade da força muscular do gênero masculino, pois agora não era mais necessário o braço do homem, pois já existiam as máquinas para fazerem o trabalho pesado, o que necessitava era de força de trabalho “intelectual” para operar as máquinas e agilidades manuais para arrumar as linhas (no ramo têxtil) sem que fosse necessário desligar as máquinas para isso, é aí que entram a atividade das crianças, que com seus pequenos dedos faziam esse trabalho, há vários relatos de crianças mutiladas, que desde cedo perderam seus dedinhos por fazerem esse trabalho, pode-se perceber que a preferência por mulheres era o melhor caminho “...em 1838 apenas 23% dos trabalhadores das fábricas de tecidos eram homens adultos. (Citando HOBBSAWM)” (NOGUEIRA, 2004, p. 10)

Na revolução industrial a mulher teve que lidar com situações que historicamente não foram educadas para isso, ou seja, se outrora foram educadas socialmente para serem dóceis e meigas, agora devem ser fortes e decididas, incorporando volições típicas masculinas, sem nenhuma análise crítica.

O mundo capitalista só recebe as mulheres que souberam desprezar, a tempo, as virtudes femininas e que assimilaram a filosofia da luta pela vida. (Citando Alexandra Kolontai)” (NOGUEIRA, 2004, p. 12)

“...se por um lado o ingresso do trabalho feminino no espaço produtivo foi uma conquista da mulher, por outro lado permitiu que o capitalismo ampliasse a exploração da força de trabalho, intensificando-a através do universo do trabalho feminino... (NOGUEIRA, 2004, p. 13)

Algo que fez parte do questionamento do século XIX faz referencia não somente a inserção da mulher nos meios de produção, mas também se era ético fazer tal inserção, devido o fato da mulher já ter um papel fundamental na sociedade, e muitos foram os estudos sobre a mulher no lar e no trabalho, na maternidade e na produtividade e etc. (SCOTT 1994, NOGUEIRA, 2004)

Transportando essa análise para os novos tempos, conseguimos perceber que com a nova estruturação de produção pelo qual passou o capitalismo do Fordismo ao Toyotismo no inicio dos anos 70, encontramos novos questionamentos que visaram à emancipação da mulher;

Os anos de 1970, paralelamente ao processo de reestruturação produtiva, foram também, sem dúvida alguma, um marco para o movimento feminista. Desenvolveu-se um novo processo de conscientização da luta pela emancipação da mulher, sendo questionados, entre outros pontos, alguns elementos do modo de produção capitalista, para os quais o marxismo já contribuiu e continua contribuindo criticamente (NOGUEIRA, 2004, p. 37).

O discurso conservador ainda imperava na sociedade em geral, principalmente no Brasil, a idéia de ter a mulher trabalhando fora de casa, ainda assustava a classe mais conservadora da sociedade, pois a mulher alcançando essa independência seria o mesmo que perverter a ordem natural das coisas, essa é ainda uma batalha travada pelos grupos feministas de nossa sociedade;

Nessa época, a mulher trabalhadora acentuava a sua participação nas lutas de sua classe e na organização política e sindical. Mantinha-se o enfrentamento em relação ao discurso conservador que preconizava um destino natural para a mulher: ser mãe e esposa, mantendo o conceito de família como instituição básica e universal (idem, idem).

Essa reestruturação chamada por Harvey de “Acumulação Flexível” não veio, portanto para dar a liberdade tão aguardada pelas mulheres, mas sim houve uma intensificação de sua precarização, é nesse ponto que nossa pesquisa começa a ganhar corpo, pois a promessa de

liberdade tão aguardada pela mulher não pode vir e não virá pela estrutura do sistema capitalista.

A reivindicação de inserção da mulher no mercado de trabalho, até mesmo por grupos feministas, e por aqueles que não fazem uma análise crítica da situação, será pago por um alto preço, e por de fato em nossa análise na cidade de Paranaíba que conseguiremos apontar situações que representam quadros mais abrangentes do sistema capitalista.

## **AS MULHERES TERCEIRIZADAS EM PARANAÍBA**

Sabendo das mudanças que ocorreram no sistema Capitalista, primeiro no Fordismo, com seus métodos altamente rígidos de domesticação humana, passando pelas mudanças típicas do Toyotismo (como já vimos em itens anteriores), que flexibiliza e aumenta a exploração entenderemos o impacto dessas mudanças na cidade de modo evidente no ramo têxtil. A lógica toyotista de produção encontrou nessa cidade, localizada no Noroeste Paranaense um foco fértil para proliferação e crescimento de sua produção, pois as mulheres que inseriram nesse ramo de trabalho em meados dos anos 90, eram de certa forma “inexperiente” na atividade de produção para o capital, pois enquanto que em regiões mais desenvolvidas do país estava havendo reivindicação de melhores condições de trabalho e greves e etc., o Noroeste Paranaense lutava ainda com os dilemas da vida no campo.

As fábricas<sup>2</sup> que instalaram nessa região, já haviam passado pela reestruturação tecnológica, sendo possível incorporar uma massa de trabalhadoras, “descartável” e “barata” sem que suas produções viessem a cair, mulheres de meia idade foram incorporadas nas fábricas que se instalaram em Paranaíba e tiveram a chance de pela primeira vez saírem do ambiente familiar para o ambiente do “trabalho formal”.

Depois que as grandes confecções já estavam estabelecidas na cidade e “andavam com suas próprias pernas”, foi o momento em que os investidores do ramo têxtil puderam alcançar níveis mais altos de produção, onde a tendência não seria mais ter muitas mulheres em um mesmo ambiente de trabalho, compondo assim a Grande Indústria, mas seria o momento de fazer um enxugamento sem que caísse a produção, se outrora no Fordismo o capital exigia o corpo do trabalhador, agora exige sua alma (HARVEY, 1996; CHESNAIS, 1996; MÉSZÁROS, 2002; ALVEZ, 2007).

---

<sup>2</sup> Fábricas oriundas da cidade de Cianorte-PR

Com incentivo do SEBRAE e de outros grupos “neoliberais”, muitas mulheres fizeram acordos com a empresa saindo assim de seus postos de trabalho e abrindo facções domésticas, com a pretensa ilusão de serem novas empreendedoras, sendo assim, novas máquinas foram adquiridos, quartos foram transformados em oficinas de produção, e a luta para se ganhar o espaço no mercado de trabalho iniciou.

Obviamente essa Facção não conseguiria fazer concorrências com as grandes Confeccões, mas a intenção não era essa, mas sim, ser colaboradora terceirizada, pois, nos momentos que as grandes confeccões se virem “apertadas” no tempo para a entrega de suas encomendas se precisará de uma facção que já saiba o processo de corte e costura, é aí que essa facção terceirizada será acionada.

Para que essa costureira ganhe o mesmo que ganhava outrora na Grande Indústria, ela tem que trabalhar muito mais, passar até mesmo noites em claro, e se possível colocar para o trabalho, os filhos e o marido, isso porque, quanto mais pessoas trabalhando por menos, o ganho será mais alto.

Esta modalidade de emprego precário incide diretamente nas relações familiares posto que toda a família se vê envolvida diretamente na produção fazendo com que o “lazer e o emprego”, por fim, terminem por se fundir/confundir.

Como as peças de roupa já vieram cortadas por máquinas altamente precisas, cabe a essa “empreendedora” fazer pequenos ajustes nas roupas, ou seja, ela não é responsável por toda elaboração da roupa em si, mas é responsável por um botão de camisa ou zíper de uma calça. O saber-fazer já se perdeu, o trabalho ontológico que transforma os indivíduos já se foi, e o que sobrou foi uma Senhora com sua máquina, caminhando para a terceira idade, com conflitos familiares e com sonhos prometidos pelo capital de um futuro melhor, que cada vez ficam mais distante, e essas mulheres continuam operando suas máquinas, sendo empresárias de si mesma.

Nossa pesquisa além de trabalhar com referencial teórico, contará com a coleta de depoimentos dessas mulheres empreendedoras<sup>3</sup> e das suas funcionárias permitindo analisar as contradições sociais inerentes à precariedade do trabalho e do processo de precarização da vida.

A história não está posta, é feita de contradições e possibilidades, o que cabem perceber e apontar os momentos em que a mulher se precarizou com sua inserção no mercado de trabalho e o momento em que ela se emancipou, as histórias dessas mulheres são histórias

---

<sup>3</sup> O que faremos em terceiro momento de nossa pesquisa.



que marcam o lado perverso do capital que tomam das pessoas aquilo que elas tem de mais caro, e usam sem pena e dó contra si mesmas.

## **REFERÊNCIAS**

ALVEZ, Giovanni A. P. Trabalho e Subjetividade: ensaio sobre o metabolismo social da reestruturação produtiva do capital. Marília: 2007.

ARAÚJO, Renan B. O modo de vida “Just-in-time” do novo perfil metalúrgico jovem-adulto flexível do ABC: antigos dilemas, novas contradições e possibilidades. Araraquara: 2009.

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Ed. Cortez. São Paulo: 1995.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. 15ed. Ed. Loyola, São Paulo: 2006.

MÉSZÁROS, István. Para além do Capital: rumo a uma teoria da transição. Ed, UNICAMP/Boitempo Editorial. Campinas/São Paulo; 2002.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. A Feminização no Mundo do Trabalho: Entre a Emancipação e a Precarização. Autores Associados. Campinas, SP; 2004.  
<http://www.sebrae-sc.com.br/ideais/> pesquisado em 24/10/2011